

BIOGRAFIA APRESENTADA NO PORTO COM A PRESENÇA DO MÚSICO

«David Byrne» por um português

TEXTO DE DAVID FURTADO

FOTO DE CRISTINA PINTO

SÁBADO passado foi um dia em cheio para David Byrne. Antes do concerto no Coliseu do Porto esteve no Hard Club, em Vila Nova de Gaia, para uma sessão de autógrafos, no lançamento da sua biografia escrita por José Manuel Simões, jornalista e fã confesso do músico norte-americano.

Byrne assinou com a mão esquerda os exemplares que lhe iam dando, mostrando mais uma faceta da sua originalidade: cada fã que lhe pedia um autógrafo, tinha uma dedicatória completamente diferente do fã anterior. O autógrafo para «A Capital» foi assim: «To David from David (B)...»

Embora falando pouco, o cantor, compenetrado, preocupava-se em corresponder às inúmeras solicitações.

O prefácio de «David Byrne» é assinado pelo próprio músico. Assumindo o seu fascínio pelo nosso país, escreve: «É óbvio que tenho um sentimento especial por Portugal, mas tento não ser nacionalista, porque isso revela o que há de pior nas pessoas. Para mim, Portugal é um país que ainda está num processo de autocriação e autodefinição. Um processo que, depois de todos estes anos, ainda não está acabado! Em tempos recentes, viu-se livre de um governo repressivo, tornou-se membro



David Byrne e José Manuel Simões durante a sessão de autógrafos

da CEE e assimilou as pessoas e as influências das suas antigas colónias. Existe entusiasmo no ar. Uma sensação de possibilidade, um sentimento de que as coisas podem e irão existir, apesar de, às vezes, serem demasiado difíceis. Exis-

te um sentimento de que, apesar de algumas coisas inacreditáveis terem sido feitas, ainda vai acontecer muita coisa. E talvez o melhor ainda esteja para vir.»

O texto introdutório transmite uma louvável «pureza»

na observação do nosso país. Byrne coloca-se à distância e afirma: «... É um País que é parte da Europa, mas, de alguma forma, também é parte de África. Apesar das tensões existentes entre colonizador e colonizado. Como acontece

com alguma frequência, o colonizador é, também ele, colonizado.»

Mesmo vivendo em Nova Iorque, Portugal está perto: «Passei pela Casa Oliveira há alguns minutos atrás e trouxe de lá umas garrafas de vinho

verde, pois um amigo artista vem cá jantar, Portugal não fica longe...talvez a seis ou sete quarteirões...»

David Byrne explicou a «A Capital» que, «existe uma relação especial entre mim e o vosso país. Não sei como aconteceu. Tenho uma relação diferente com as plateias e com os músicos portugueses. Talvez seja uma espécie de "troca" de experiências...»

As ligações ao nosso país não se ficam por aqui. Byrne, como já é sabido, nutre um especial afecto pela música de Paulo Bragança, Amália Rodrigues, Madredeus e Zeca Afonso, por exemplo.

Existe a hipótese de vir a realizar um projecto no âmbito da Expo 98, mas nada revela acerca disso: «Vou-me encontrar com uma pessoa, amanhã, em Lisboa. Sim, há uma proposta, mas nada de definitivo. Talvez dentro de uma semana surjam algumas certezas.»

José Manuel Simões, afirma que se trata de «um projecto desenvolvido a partir de 94. Houve uma série de encontros, quando ele esteve em Portugal, até Julho de 97, quando esteve cá pela última vez. Essa série de encontros resulta nesta biografia.»

O autor já escreveu biografias de Cesária Évora e de Julio Iglesias, mas considera que este projecto é diferente: «Este trabalho separa-se dos outros, dado que eu sou um fã confesso da arte caleidoscópica de David Byrne. Este livro é a minha "fruição" dessa arte, embora também tenha uma parte "curricular" e factual.»

JOSÉ MANUEL SIMÕES CONTA A «A CAPITAL» A GÉNESE DO SEU LIVRO

«Tentou ser uma pessoa normal, mas não conseguiu»

DAVID Byrne assinalou a sua passagem por Portugal com o lançamento de uma biografia, a primeira a ser escrita por um autor português e também uma das poucas existentes no mercado acerca deste músico. Nela são abordadas as diversas facetas de Byrne. Fica-se também a saber um pouco da sua carreira de realizador, fotógrafo, actor e da sua dedicação à world music.

O livro, intitulado simplesmente «David Byrne», é da autoria do jornalista José Manuel Simões e enquadra-se na colecção «Platina», recentemente lançada pelas Publicações Europa-América.

Pelo menos com esta biografia será desfeito um dos maiores equívocos em relação ao ex-líder dos Talking Heads. É que Byrne, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, não é norte-americano, mas escocês, se bem que tenha ido viver para a costa Este dos EUA aos cinco anos. Outra curiosidade, é que um dos seus temas mais bem sucedidos, «Psycho Killer», foi escrito quando era ainda muito jovem, numa época em que pertencia ao duo Bizadil.

Foi no intuito de desvendarem este mistério que é David Byrne que José Manuel Simões o



José Manuel Simões

acompanhou, em 1994, na viagem do Porto a Lisboa, convivendo com os músicos nos bastidores dos concertos incluídos na tournée «David Byrne», o trabalho mais introspectivo e pessoal do artista. O jornalista tornou-se amigo de Mauro Refosco, o percussionista brasileiro que acompanha Byrne, do baixista Paul Socolow e de Todd Turkisher, o baterista. José Manuel Simões compreendeu que o escocês ainda continua a ser visto como uma espécie de «ídolo enigmático». «Eles nunca sabem o que é que podem esperar do líder da banda, então limitam-se a ter uma relação profis-

sional com ele, seguem os seus improvisos em palco e os humores da vida pessoal.» O jornalista constatou que os actuais convidados de Byrne «estão um pouco à mercê de uma pessoa que admira confiadamente. Há uma relação razoável entre eles, mas o David continua sempre um pouco à parte».

Esquizofrénico

Embora já tivesse um fascínio pela obra de Byrne, José Manuel Simões só teve contacto pessoal com ele numa conferência de imprensa no Coliseu do Porto. «Fiquei amigo dele na noite desse concerto (em 1994)». Para o autor desta biografia, David Byrne «não é propriamente uma pessoa simpática. É muito introspectivo, algo tímido e inseguro e tem uma postura curiosa enquanto entrevistado. É como se fizesse um *rewind* sobre si mesmo e sobre aquilo que diz. Tem um fluxo de pensamento que vem do inconsciente». O trabalho de David Byrne, considera o jornalista, «é fruto do inconsciente ao ponto de ele só analisar, criticar, gostar ou não gostar, depois de ter criado, o que não é muito comum. Remete-nos até para um determinado esquizofrenismo, o que ele acabou por assumir comigo».

O autor do livro pensa que a música de David Byrne caminha à frente dos novos tempos musicais: «Se fizermos uma apreciação recente, temos a inovação de Beck e talvez dos Prodigy. O David Byrne vai um pouco mais à frente, bebendo influências, também deles, mas misturando-lhes novos ingredientes. A arte dele é a arte da colagem a todos os níveis. Nos filmes, por exemplo no "True Stories", baseou-se em colagens

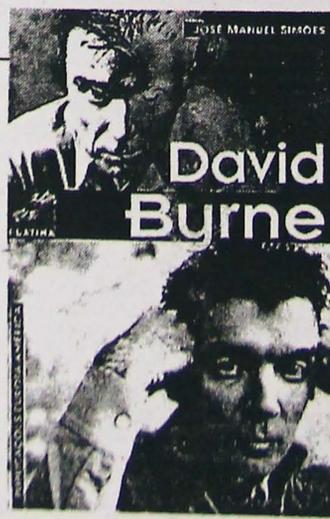
de artigos inusitados, um pouco macabros, que ele encontrava nas digressões.»

Numa entrevista concedida ao biógrafo, David Byrne confessou que se considera uma pessoa chata e pessimista em relação ao futuro da humanidade. «Disse-me também que tentou ser uma pessoa normal, mas que não conseguiu.» Mas não foi com estas confidências que José Manuel Simões ficou mais surpreendido. Nas suas pesquisas, deparou-se com «The Fo-

rest», o primeiro álbum a solo, em que David compõe «como se fosse um minimalista clássico do século XVIII, coisa que eu não esperava de um músico com horizontes tão vanguardistas!»

Na introdução que faz ao trabalho de José Manuel Simões, o também fundador da editora Luaka Bop, afirma conhecer o trabalho dos Madredeus, de José Afonso e o fado de Amália e Paulo Bragança.

Ana Jorge



Passatempo

«A CAPITAL», as Publicações Europa-América e a Scorpio, têm dez exemplares do livro «David Byrne», de José Manuel Simões, para oferecer aos nossos leitores. Os interessados devem enviar por escrito para a redacção de «A Capital» a resposta correcta às seguintes perguntas:

- Qual foi o tema com que David Byrne encerrou, no passado domingo, o concerto no Coliseu dos Recreios, em Lisboa?

- Qual foi o músico e produtor com quem David Byrne gravou, em 1981, o disco «My Life in the Bush of Ghosts»?

As respostas devem ser enviadas até sexta-feira, dia 20, para:

Passatempo David Byrne
Jornal «A Capital»
Avenida Infante D. Henrique, 334
1802 LISBOA CODEX